



**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL:  
UM ESTUDO DE CASO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM  
UMA CRIANÇA AUTISTA**

Aline Carol Stock<sup>1</sup>

Camila Will<sup>2</sup>

Nakita Ani Guckert Marquez<sup>3</sup>

Esta pesquisa tem como tema a alfabetização e letramento no contexto da educação especial, especificamente do Transtorno de Espectro Autista (TEA). O objetivo é compreender como se desenvolvem esses conhecimentos e habilidades em indivíduos com TEA, identificando suas especificidades, os desafios inerentes a esses processos e as abordagens pedagógicas mais adequadas, de forma a contribuir para a elaboração de práticas educacionais mais inclusivas e adaptadas às necessidades específicas desses alunos. A questão norteadora se volta aos objetivos mencionados anteriormente, além de compreender o papel do professor e a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para metodologia da pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva ancorada no estudo de caso, estratégia metodológica que possibilita uma observação densa e longitudinal de fenômenos complexos (Gil, 2002). A pesquisa teve início em abril de 2024 por meio de revisão bibliográfica sistemática, incluindo teses, dissertações, livros e artigos relacionados ao tema. Em seguida, foram realizadas sessões de observação participante em situação de ensino, aplicação de questionários semiestruturados contendo perguntas abertas e fechadas e entrevistas para compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem no contexto da alfabetização e do letramento e a interação entre a professora alfabetizadora e o aluno com autismo. Todos os procedimentos obedeceram aos preceitos éticos constantes da Resolução CNS 466/12, estando o projeto aprovado pelo Comitê

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul - SC.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul - SC.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul - SC. Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina.



de Ética em Pesquisa sob o parecer n.º 7.305.913. Para o tratamento dos dados empregou-se a análise de conteúdo em sua vertente temática, de modo a relacionar categorias empíricas e referenciais teóricos (Bardin, 2016).

O referencial teórico utilizado articula-se em três eixos centrais. O primeiro distingue alfabetização e letramento, entendendo a alfabetização como apropriação do sistema de escrita, ou seja: saber ler, escrever, decodificar letras, sílabas e palavras bem como regras gerais da escrita - como a posição inicial da escrita na folha e a organização do texto na página (Soares, 2020). Já o letramento pode ser definido como a utilização de toda a apropriação do sistema de escrita e leitura nos contextos sociais; envolve habilidades como interpretação, diferenciação de gêneros textuais e uso da linguagem escrita em diversos contextos sociais (formais e informais). Conforme Soares (2020, p. 27) o letramento é a “capacidade do uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita”. Esse enquadramento reforça que o trabalho pedagógico com crianças autistas deve abarcar tanto a decodificação quanto as práticas significativas de leitura e escrita. No referencial teórico aborda-se também sobre o Transtorno do Espectro Autista a partir dos critérios do *DSM-5*, que definem o TEA como condição neurodesenvolvimental marcada por déficits de comunicação e interação social, associados a comportamentos restritos e repetitivos, distribuídos em três níveis de suporte (American Psychiatric Association, 2016). A avaliação da criança com suspeita de TEA é crucial para o diagnóstico e acompanhamento, permitindo identificar o nível de autismo e determinar o tratamento mais adequado. Isso possibilita mudanças necessárias para a evolução do caso e oferece uma devolutiva aos pais sobre o progresso da criança. Além disso, uma avaliação abrangente pode incluir diferentes áreas de desenvolvimento, como comunicação, interação social e comportamento, garantindo uma compreensão completa das necessidades da criança (Garcia, 2011 apud Pedrosa et al., 2018). Esse enquadramento clínico justifica a necessidade de intervenções educativas altamente individualizadas, sensíveis ao perfil sensorial e cognitivo de cada estudante. O terceiro eixo refere-se às políticas de inclusão escolar. O Atendimento Educacional Especializado, regulamentado pelo Decreto 6.571/2008 e pelas Diretrizes Operacionais da Educação Especial, é concebido como serviço “complementar ou suplementar à escolarização” que deve “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade” a fim de eliminar barreiras à aprendizagem (Brasil, 2008). Nesse contexto, a fundamentação teórica sustenta que a alfabetização de estudantes com TEA exige metodologias baseadas em evidências científicas, suporte especializado constante e integração



entre escola, família e saúde, assegurando que indissociabilidade entre os processos de alfabetização e letramento.

A análise preliminar dos dados indica que a professora do AEE participante da pesquisa baseia sua intervenção no uso de estratégias multissensoriais alinhadas ao método fônico, considerado na literatura um dos mais apropriados para o ensino da leitura a estudantes com TEA. Atividades lúdicas envolvendo jogos de consciência fonológica, leitura compartilhada com suporte imagético e produção textual mediada por softwares de comunicação aumentativa constituem o núcleo da prática observada. Constatou-se evolução significativa em diversos conhecimentos e habilidades por parte do aluno observado, como o reconhecimento de letras e vogais e uma redução gradual dos comportamentos de fuga mediante reforço positivo imediato, embora persistam dificuldades no manejo de sílabas complexas e na generalização da leitura para contextos extraclasse. Os maiores desafios encontrados situam-se na comunicação família-escola e na inexistência de interlocução sistemática entre a professora do AEE e a docente da sala comum, o que fragiliza o Plano Educacional Individualizado e limita a coerência das intervenções. A restrição da carga horária - duas sessões semanais - também se apresenta como fator que compromete os avanços, corroborando estudos que defendem uma maior intensidade e continuidade de atendimento, além da escassez de recursos e acesso a materiais. Em síntese, os resultados indicam que crianças com TEA aprendem melhor quando participam de atividades para o desenvolvimento da consciência fonológicas e da compreensão do princípio alfabético, recebem estímulos visuais claros e seguem rotinas estáveis, sempre com adaptações que respeitem suas particularidades sensoriais e cognitivas e que se voltam ao interesse da criança, visando um processo de ensino-aprendizado mais significativo. Também fica evidente que a efetividade do AEE depende da qualidade das relações que sustentam o trabalho pedagógico e das condições adequadas de trabalho. Por isso, é essencial garantir formação contínua aos professores, remover barreiras físicas e de atitude e manter comunicação integrada entre todos os profissionais envolvidos, a fim de promover o desenvolvimento integral do estudante com TEA.



## REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Acesso em: 06 fev. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na educação básica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

CONSELHO NACIONAL DA SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PEDROSA, Débora.. de Oliveira, Débora Maiara Gonçalves Santiago. MONIQUE, Layane. SEDÍCIAS, Érica. **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A INCLUSÃO ESCOLAR** . **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVIII, n. 000144, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/transtorno-do-espectro-autista-tea-e-inclusao-escolar>  
Acesso em: 10/06/2024.

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.